



A AFETIVIDADE NO PROCESSO EDUCATIVO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROJETO ARTES VISUAIS & INCLUSÃO

AFFECTIVITY IN THE EDUCATIONAL PROCESS: AN ANALYSIS BASED ON THE VISUAL ARTS & INCLUSION PROJECT

Ana Cláudia Araújo do Nascimento¹
UFPB
Lucas Henrique Alvino Cordeiro²
UFPB
Thierry de Lima Queiroz Marques³
UFPB

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o afeto nas experiências dos encontros de cada Grupo de Trabalho (GT) do Projeto Artes Visuais & Inclusão, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Utilizamos a abordagem metodológica qualitativa, com observação participante (Richardson, 1999), partindo do princípio da educação popular de Paulo Freire, em diálogo com a perspectiva da inclusão escolar (Mantoan, 2003). O texto analisa algumas das ações dos encontros do projeto, a partir dos conceitos de 'afeto' e 'afetividade' na relação estudante-professor, nos *workshops* de artes visuais com pessoas com deficiências e idosas. Como resultado da pesquisa identificamos que as relações afetivas durante as atividades do projeto de pesquisa participante e extensão promovem socialização e laços sociais por meio das relações afetivas entre os/as participantes.

PALAVRAS-CHAVES

Artes Visuais. Afetividade. Inclusão. Afeto na educação. Grupos de Trabalho.

ABSTRACT

This article aims to analyze affection in the experiences of the meetings of each Working Group (WG) of the Visual Arts & Inclusion Project at the Federal University of Paraíba (UFPB). We used a qualitative methodological approach, with participant observation (Richardson, 1999), based on Paulo Freire's principle of popular education, in dialog with the perspective of school inclusion (Mantoan, 2003). The text analyzes some of the actions of

¹ Discente do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I Lot. Cidade Universitária, João Pessoa - PB. Bolsista PROLICEN do projeto Artes Visuais & Inclusão 2024. E-mail: anaclaudiaaraujonasc@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0093756644576080>. João Pessoa, Brasil.

² Graduando em Artes Visuais-Licenciatura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I Lot. Cidade Universitária, 58051-900, João Pessoa - PB. Atualmente bolsista do Programa de Licenciatura (PROLICEN), no projeto Artes Visuais & Inclusão de 2024. E-mail: lucas.henrique6@academico.ufpb.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0274110997471417>.

³ Discente do curso de bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, Cidade Universitária, João Pessoa - PB. Bolsista pela PROBEX do Projeto Artes Visuais & Inclusão 2024. Email: thierrylima10@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5094241445403528>. João Pessoa, Brasil.



the project meetings, based on the concepts of 'affection' and 'affectivity' in the student-teacher relationship, in the visual arts workshops with people with disabilities and the elderly. As a result of the research, we identified that the affective relationships during the activities of the participant research and extension project promote socialization and social ties through the affective relationships between the participants.

KEYWORDS

Visual Arts. Affectivity. Inclusion. Affection in education. Working groups.

CONHECENDO O PROJETO 'ARTES VISUAIS & INCLUSÃO' DA UFPB

Este trabalho analisou o conceito de 'afeto' nas vivências compartilhadas dos bolsistas do projeto de pesquisa participante e extensão 'Artes Visuais & Inclusão', coordenado pelo Prof. Dr. Robson Xavier da Costa, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), referente aos anos de atuação de cada bolsista. O projeto é vinculado ao Departamento de Artes Visuais do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba (DAV/CCTA/ UFPB), sendo apoiado pelo PROBEX e pelo PROLICEN da UFPB. A equipe de trabalho é composta por estudantes de licenciatura e bacharelado do curso de Artes Visuais da UFPB, a partir do Grupo de Pesquisa em Arte, Museu e Inclusão (AMI) e integrado ao Laboratório de Artes Visuais Aplicadas e Integrativas (LAVAIS). O projeto desenvolve *workshops* de artes visuais em um contexto inclusivo, no âmbito do ensino não formal com pessoas com deficiência (PCDs) e idosos.

O projeto, iniciado em 2014, é organizado por Grupos de Trabalho (GTs). Os GTs abordados neste trabalho são: 'Associação Ame Down PB', uma organização social sem fins lucrativos formada por pais e amigos de Crianças e Jovens portadores da Síndrome de Down no Estado; e o 'Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC)'; e o Instituto Paraibano do Envelhecimento (IPE), ligado à Pró-Reitoria de Extensão da UFPB. Desenvolvemos encontros quinzenais no laboratório de Práticas Criativas Experimentais (LAPLACE), do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) com o grupo da Associação Ame Down PB, e encontros semanais na sede do ICPAC e com o grupo do IPE UFPB, na sede do Instituto.

Em relação às linguagens artísticas a serem apresentadas a cada GT, as reuniões



de planejamento são indispensáveis para abarcar a pluralidade dos diferentes grupos com suas preferências e necessidades. Assim, ao discutir as linguagens e expressões artísticas como agências enunciativas de saberes, a arte torna-se meio de inclusão social e impulsiona o exercício dos direitos culturais que todas as pessoas devem ter (Gohn, 2015). Nessa perspectiva, a afetividade é uma ferramenta para que o processo de aprendizagem se realize e faça com que o participante se sinta acolhido e escutado dentro das relações de ensino, sendo esse de caráter não formal. Os *workshops* abordam: pintura com tinta acrílica, com os jovens com T21; modelagem com argila com as crianças com deficiências visuais e fotografia digital com as pessoas idosas; as linguagens artísticas são escolhidas a partir da demanda de cada grupo, buscando influenciar suas conexões sociais, o desenvolvimento motor e cognitivo, a sensorialidade, e o acesso digital.

A METODOLOGIA E A AFETIVIDADE COMO PARCEIRAS

No que se refere à metodologia aplicada nos *workshops* todos estão baseados nos princípios da educação não formal, para que o desenvolvimento do potencial criativo dos participantes seja mais efetivo para que, a partir disso, haja a promoção da ludicidade e da sua liberdade criativa. Atrelado a isso, o projeto utiliza o método qualitativo de relato de experiência (Richardson, 2012), uma vez que as observações e vivências conjuntas entre os participantes dos GTs e a equipe são promovidas pela observação participante. Assim, a partir do método da observação participante, em que a equipe funciona como facilitadora do processo artístico e, com isso, os participantes interagem entre si e com a equipe, pela troca de saberes, experiências e afetos, dessa forma, buscamos estimular a autonomia da pessoa com deficiência e da pessoa idosa e para a formação educacional do observador participante, o projeto dialoga com Freire (2023, p. 95) quando ele escreve que:

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos. (Freire, 2023, p. 95).

Logo, a afetividade no processo educativo da pessoa com deficiência e do idoso durante os encontros colabora na criatividade dos participantes em criar e da equipe



em assistir e impulsionar. Por causa disso, a aprendizagem entra na perspectiva de inclusão por Mantoan (2003), em que as diferenças são respeitadas e a individualidade e a criação artística de cada um é valorizada. Nesse sentido, o processo afetivo nas trocas de experiências nos encontros de cada GT pode ser compreendida e embasada em teóricos que estudaram o tema na educação.

INVESTIGAÇÕES EM TORNO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Para entendermos as influências da afetividade na docência, é preciso considerar a afetividade. De acordo com Piaget (1977), o afeto vai muito além de emoção e sentimento, ele aborda vontades, necessidades, cuidados e motivações. Quando ensinamos, até chegarmos na compreensão acerca de um assunto ou atividade, passamos por outros degraus que aproximam ainda mais o estudante do professor/a. A aproximação, a quebra da hierarquização e a empatia fazem parte de um caminho que permite um desenvolvimento sensível e estruturado. Com a afetividade, a motivação de aprender e a de ensinar se torna parte da relação, da responsabilidade emocional e dos ganhos da afetividade. Segundo La Taille (1992), afeto é a energia que move uma ação.

Quando se trata da educação inclusiva, a afetividade se torna essencial em qualquer ação. As necessidades e os problemas que podem surgir no processo de ensino para pessoas com deficiências, requerendo atenção e sensibilidade. Nesse âmbito, a afetividade entra como fator que necessita de confiança, proximidade e cuidado, permitindo que o/a educador/a alcance soluções para os problemas. Essa relação de afeto permite que o/a educador/a conheça melhor o/a estudante de maneira que se estabeleça diálogos e trocas. É através do afeto que dentro de uma sala de aula se promove a sociabilidade, onde o educador auxilia na integração dos/as estudantes e atua como mediador (Mattos, 2018).

Além da importância do afeto para socialização e desenvolvimento dos/as estudantes, há outro grande beneficiado: o/a professor/a. Atualmente, a hierarquização das salas de aula tem ficado para trás, evidenciando que o papel do docente em sala vai muito além de apenas transmitir conhecimento, mas também de aprender, experienciar e acolher. Numa relação afetiva na educação inclusiva, o/a



professor/a tem a oportunidade de conhecer novas realidades. Entender as particularidades do ensino para pessoas com deficiências requer desenvolvimento emocional, onde o/a educador/a possa compreender quaisquer dificuldades que possam surgir e ter a empatia de, junto aos/as estudantes, buscando encontrar soluções, novos caminhos e possibilidades. No Projeto Artes Visuais & Inclusão vivenciamos de perto as relações de afeto na educação não formal e seus benefícios para os/as estudantes de graduação que atuam como bolsistas e/ou voluntários/as.

As atividades desenvolvidas nas oficinas criativas, entre 2014 e 2021, têm possibilitado desbloquear o potencial criativo dos participantes e valorizar suas habilidades expressivas. O Projeto articula-se com o currículo do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da UFPB, por meio da disciplina obrigatória 'Ensino da Arte e Educação Inclusiva', ampliando o campo de estágio para os discentes do curso. (Costa e Santos, 2021, p. 54).

O projeto aproxima discentes do curso de Artes Visuais da realidade como docente na educação inclusiva, contribuindo para formação de profissionais sensíveis e preparados. Sendo a arte pode também estimular ou partir do afeto, cria-se um espaço possível para a aproximação entre estudantes e professor/a, de acordo com os exemplos a seguir:

GT AME DOWN PB

Foi com o GT Ame Down que tivemos nosso primeiro contato com a educação inclusiva, os estudos e debates nas disciplinas de educação saíram do papel e vieram para a prática. Pela recepção agradável e entusiasmo da turma em criar, senti-me livre para impulsioná-los nas cores e formas que estavam a produzir nas telas com tinta acrílica. Como cada participante tem sua maneira de pintar e mobilidade diferentes, logo identificamos seus gestos, alguns suaves e delicados, outros bruscos e inesperados, mas cada um na sua expressividade única e cativante. A partir de seus gestos e movimentos de mão que desenvolvemos nosso olhar para a linguagem corporal dos/as participantes. Com os jovens e adultos da Associação Ame Down PB, aprendemos que o respeito é primordial, além do incrível potencial criativo de cada um/a em não se prender às normas técnicas de pintura,





pois é na pincelada individual que as abstrações adotam sentidos e significados da vida pessoal de cada participante (imagem 01).



Imagem 1. GT Ame Down, 2023. Fotografia: Ana Cláudia Araújo. Fonte: Acervo do Projeto Artes Visuais & Inclusão da UFPB.

GT INSTITUTO DOS CEGOS DA PARAÍBA ADALGISA CUNHA

No GT do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), o qual oferece meios educacionais ao acesso para as pessoas com deficiência visual abordarem suas necessidades e atenderem aos serviços de apoio, garantindo a permanência para o público de PCDs. Os *workshops* do projeto são realizados na sede do ICPAC (imagem 02), a partir das aulas práticas da disciplina de Artes, formada por uma turma de crianças, entre 07 a 13 anos de idade, em trabalho com modelagem em argila e pintura acrílica foi quando conseguimos nos enxergar atuando na educação. Apesar da construção da identidade da docência ser algo constante, o tema da educação inclusiva é algo que nos estimulou desde o primeiro contato. A partir dos encontros iniciais percebemos as variedades dos processos criativos de cada estudante, como as suas singularidades dos traços e as concepções de descrever o mundo.



Imagem 2. GT ICPAC, 2023, Fotografia: Lucas Henrique Alvino Cordeiro. Fonte: Acervo do Projeto Artes Visuais & Inclusão da UFPB.

Em outro momento identificamos nas falas das crianças, contribuições que nos levaram a compreender os laços afetivos, desenvolvidos nas produções sociais. Os/as participantes solicitaram experimentar novas formas de expressão artísticas, trabalhamos com temáticas livres, com atividades lúdicas, com estimulação multissensorial estimulados pela experimentação de cada processo, intercalando modelagem e pintura. Durante as práticas artísticas, a auto expressão aparece no processo criativo dos/as participantes.

GT NIETI DA UFPB

Trabalhamos com fotografia por dois anos com o Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade (NIETI) da UFPB, no primeiro ano, durante a pandemia do Covid-19, em modalidade remota e em 2023, com atividades presenciais. As turmas, eram majoritariamente femininas, nos recebiam com entusiasmo e curiosidade. O contraste no compartilhamento de experiências entre nós, sempre foi interessante, na medida em que apresentamos novas ferramentas do meio digital e elas nos contavam histórias (e até traziam exemplos) da fotografia analógica. Essa troca de experiência geracional e a contribuição mútua entre estudante e professor/a nos permitiu criar vínculos afetivos que traziam uma carga mais leve para as nossas aulas. O compartilhamento de vivências era refletido na fotografia que fazíamos



durante as atividades, onde apresentavam uma visão sensível e artística do mundo à nossa volta (imagem 03).



Imagem 3. GT NIETI, 2023, Fotografia: Thierry de Lima. Fonte: Acervo do Projeto Artes Visuais & Inclusão da UFPB.

Reflexões finais

O Projeto Artes Visuais & Inclusão da UFPB, completou 10 anos de funcionamento em 2024, estimulando a formação no campo da acessibilidade cultural e inclusão educacional dos estudantes do curso de Artes Visuais, nas modalidades de bacharelado e licenciatura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As vivências que percorreram entre a educação inclusiva e a arte serviram como pertinência para os bolsistas, mas também impulsionaram os resgates afetivos no processo pedagógico. Com a presença provocativa da criatividade que incentiva às aproximações sociais nas riquezas dos relatos dos/as participantes, demonstrando o potencial do projeto e das metodologias ativas, a partir do *feedback* dos/as estudantes, que demonstram melhorias nos processos de interação social.

Considerando o que Kastrup afirmou: “a experiência de aprendizagem inventiva de peças de cerâmica, no sentido em que essa é, em última instância, uma experiência de criação de mundo, transcende uma aprendizagem de adaptação a um mundo pré-existente.” (Kastrup, 2008, p.194), observamos que durante as atividades do projeto, que as experiências e vivências com artes visuais, marca suas trajetórias de vida, cada participante reage com falas, abraços, gestos, escolhas de cores, na



modelagem com argila, nas pinceladas, nos gestos e nas posições de câmera, com seus enquadramentos e composições, deixando marcas de suas vivências cotidianas.

Por fim, o projeto tem contribuído ao longo dos seus 10 anos de existência, para além dos workshops na universidade e no ICPAC, e inspirando novas formas de agir e pensar com a humanidade, por meio da proximidade com os estudantes dos cursos de graduação em artes visuais da UFPB, possibilitando novas oportunidades e concepções de igualdade entre as PCDs e idosas participantes. A educação inclusiva tem sido utilizada no projeto como instrumento para o empoderamento dos/as participantes e apoiando a socialização das diferenças trabalhando com práticas anticapacitistas.

Referências

COSTA, Robson Xavier da e SANTOS, Márcio Soares dos. Do presencial ao virtual: ações do Projeto Artes Visuais & Inclusão (2014-2021). In.: RODRIGUES DA COSTA, Thérèse Hofmann; XAVIER, Cleber Cardoso e COSTA, Robson Xavier da (Orgs.). **Encontros e Entrelaçamentos**: grupos de pesquisa em artes. João Pessoa PB: Editora do CCTA UFPB, 2021, p. 51 - 60.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Ed. 85. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. Ed. 1. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

KASTRUP, Virgínia. O Lado de Dentro da Experiência: Atenção a Si mesmo e Produção de Subjetividade numa Oficina de Cerâmica para Pessoas com Deficiência Visual Adquirida. In: **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**. 2008. 28 (1). 186-199.

LA TAILLE, Yves de. – **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão /Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MATTOS, S. M.N. **A afetividade como fator de inclusão escolar**. Revista Teias, v. 9, n.18, p. 50-59, 2008.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.